

# CRÍTICA À PSICANÁLISE COMO FUNDAMENTO DA PSICOLOGIA SOCIAL DE ADORNO

*Criticism of Psychoanalysis as the Foundation of Adorno's Social Psychology*

JOSÉ LEON CROCHÍK\*

[jlchna@usp.br](mailto:jlchna@usp.br)

MARIAN A. L. DIAS\*\*

[mariandias.dias@gmail.com](mailto:mariandias.dias@gmail.com)

PEDRO FERNANDO DA SILVA\*\*\*

[pedrofernando.silva@usp.br](mailto:pedrofernando.silva@usp.br)

Recebido em: 30 de setembro de 2015

Aprovado em: 2 de fevereiro de 2015

## RESUMO

Frente à diversidade de entendimentos sobre a importância da psicanálise freudiana na obra de Adorno, este artigo investiga, mediante a análise do ensaio Sobre a relação entre sociologia e psicologia, os limites da psicanálise e suas implicações para o estabelecimento de uma psicologia social. Pela análise se constatou que Adorno dirige tais críticas à psicanálise freudiana, e não apenas aos revisionistas. Identificou-se a crítica ao 'imperialismo' do sistema freudiano; à sua finalidade adaptativa; e a redução das determinações sociais à 'natureza' humana. Verificou-se ainda a necessidade de uma psicologia social analiticamente orientada capaz de estudar as condições de resistência e de adaptação individual.

*Palavras-chave:* Adorno; psicanálise; psicologia social; Freud; teoria crítica da sociedade.

## ABSTRACT

Given the diversity of understanding on the importance of Freudian psychoanalysis in Adorno's work, we seek to analyze the boundaries of psychoanalysis and its implications for the establishment of a social psychology in the essay

---

\* Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.

\*\* Departamento de Educação da Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, Brasil.

\*\*\* Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.

Sociology and Psychology. The analysis verified that such criticism is also directed to the Freudian psychoanalysis – and not just to the revisionists. We identified the ‘imperialism’ of the Freudian system; its adaptive purpose; and the presence of psychic invariants that reduce social determinations to the ‘human nature’. It was also verified the need for a social psychology analytical oriented able to study both the resistance conditions and the individual adaptation.

*Key words:* Adorno; psychoanalysis; social psychology; Freud; critical theory.

Em consideração às frequentes referências à psicanálise em obras da Teoria Crítica da Sociedade, em especial em ensaios de Theodor W. Adorno, objetiva-se, neste texto, averiguar os limites que esse autor estabeleceu para a disciplina criada por Freud à compreensão de objetos mais propícios à psicologia social.

Adorno<sup>1</sup> reconheceu o avanço da teoria psicanalítica frente à ideologia da psique e às concepções animistas e idealistas; diante do sociologismo proposto pelos revisionistas, reconheceu a grandeza do pensamento de Freud, que se recusou a reduzir o caráter antagônico da sociedade a uma pretensa harmonia sistemática. Elogiou seu modo de pensar a relação entre indivíduo e massa, por entender que Freud, ao opor-se à proposição de Le Bon – que explicara o comportamento regredido dos indivíduos em massa como fruto de sugestão –, trouxera à cena a dinâmica pulsional<sup>2</sup>. Por meio de sua leitura crítica e atenta à dimensão histórica do objeto tratado pela psicanálise, compreendeu que a teoria psicanalítica, dentre outras características, apontava para os limites da socialização na constituição do sujeito e denunciou a não liberdade dos seres humanos.

A respeito do modo como Adorno procedeu à leitura de Freud, Lastória<sup>3</sup> reforça a importância da presença da psicanálise freudiana como “sustentáculo basilar” da Teoria Crítica da Sociedade. O reconhecimento dessa contribuição, no entanto, não implica necessariamente a devida apreciação crítica dos limites da apropriação da psicanálise por Adorno. Apesar de admitir que caso haja convergência entre os motivos iluministas de Freud e os de Adorno, esta seria uma convergência oblíqua, Lastória não se ateu à delimitação e às especificidades dos objetos das análises

---

<sup>1</sup> Theodor W. ADORNO, “A psicanálise revisada”, em T.W. Adorno, *Ensaio sobre psicologia geral e psicanálise*, trad. V. Freitas, São Paulo: ed. Unesp, 2015, págs. 43-69; Theodor W. ADORNO, “Sobre a relação entre sociologia e psicologia”, em T.W. Adorno, *Ensaio sobre psicologia geral e psicanálise*, trad. V. Freitas, São Paulo: ed. Unesp, 2015.

<sup>2</sup> Theodor W. ADORNO, “A psicanálise revisada”, op.cit., pág. 130.

<sup>3</sup> Luis C. N. LASTÓRIA, “Adorno leitor de Freud: Para além da coerção mítica da razão?”, *Remate de Males*, 30 (1) (2010), págs. 147-160.

desenvolvidas por ambos os autores; o que nos interessa particularmente para os propósitos deste artigo. Também Rouanet<sup>4</sup> já havia interpretado a psicanálise freudiana como uma condição constitutiva da crítica frankfurtiana; ponderou que “o freudismo não é, para a escola de Frankfurt, uma influência: é uma interioridade constitutiva, que habita seu corpo teórico e permite à teoria crítica pensar seu objeto, pensar-se a si mesma, e pensar o próprio freudismo enquanto momento da cultura”. Não obstante esse reconhecimento da importância da psicanálise, Rouanet não negligenciou o alcance da crítica a Freud: “Partida de uma defesa de Freud contra seus revisores e contra os que desejavam anexar a psicanálise, a teoria crítica acaba descobrindo que o mal, num certo sentido, já estava em Freud, e não em seus epígonos, que não fizeram senão radicalizar pressupostos já contidos na doutrina original”<sup>5</sup>.

Dunker também sublinha a importância da teoria freudiana para o pensamento de Adorno, mas, distintamente da perspectiva enunciada por Rouanet, entende que as críticas de Adorno à psicanálise voltaram-se principalmente ao revisionismo da psicanálise e não à obra do próprio Freud:

“O que não se percebeu com clareza é que a crítica de Adorno contra o tratamento psicanalítico volta-se, majoritariamente, contra as consequências desta culturalização quanto aos objetivos de cura. Freud teria sido mais franco ao assumir a natureza mediada da terapia, do que Horney e Erich Fromm, ao valorizar cura pela aprovação e calor humano”<sup>6</sup>.

De fato, Adorno ponderou que a frieza técnica defendida por Freud em relação à intervenção psicanalítica indica que “a natureza profissionalmente mediada da terapia, honra mais a ideia de humanidade (...) do que uma aprovação consoladora e um calor humano sob ordens”<sup>7</sup>; todavia, esta ponderação não consiste em uma defesa acrítica da psicoterapia ou na aceitação incondicional da teoria freudiana, mas no reconhecimento da mediação, que remete à contradição entre indivíduo e sociedade.

Distintamente do entendimento de Dunker, Gomide sugeriu que as apropriações das categorias freudianas feitas por Adorno introduziram novas questões para a psicanálise e apontaram para os limites de certos conceitos quando confrontados

<sup>4</sup> Sérgio P. ROUANET, *Teoria crítica e psicanálise*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998, pág. 11.

<sup>5</sup> Sérgio P. ROUANET, “*Teoria crítica e psicanálise*”, op. cit., págs. 95-96.

<sup>6</sup> Christian I. L. DUNKER, “Apresentação à edição brasileira”, em T.W. Adorno, *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*, São Paulo: ed. Unesp, 2015, pág. 22.

<sup>7</sup> Theodor W. ADORNO, “A psicanálise revisada”, op.cit., pág. 65.

com o indivíduo das sociedades administradas. Destacou o duplo papel da psicanálise para o frankfurtiano: “...os mesmos componentes encontrados na psicanálise que se tornaram objeto de crítica de Adorno também foram lembrados e ressaltados pelo mesmo como suportes teóricos importantes para expressar e esclarecer a fatalidade social que tem *minado* a categoria de indivíduo”<sup>8</sup>. Crochík<sup>9</sup>, em um ensaio sobre o papel da psicologia social para Adorno, frisou que uma psicologia social de base psicanalítica não poderia ser confundida com a psicanálise uma vez que tanto essa é incapaz de compreender o novo objeto decorrente das novas formas de controle social como ela também precisaria estar ligada a uma teoria da sociedade. Tal incapacidade decorreria do fato de que quando a psicanálise surgiu, seu objeto já se encontrava em declínio.

Empenhado em verificar a pertinência da análise desenvolvida por Adorno para a compreensão do momento atual, Silva também indicou a necessidade de nos voltarmos para o objeto de estudo da psicologia social proposta por ele, considerando sua continuidade histórica e diferenciação em relação aos fenômenos estudados pela psicanálise. Assinalou que Adorno concedeu lugar de destaque à psicanálise para compreender as condições subjetivas da irracionalidade social objetiva, mas também ponderou que, apesar de tê-la assumido como “elemento constitutivo, não restringiu os objetivos nem o objeto de sua psicologia a ela, tampouco aceitou seu repertório conceitual sem críticas; ao contrário, os conceitos freudianos acerca do funcionamento mental foram remetidos à materialidade da vida social contraditória e pensados à luz das transformações históricas”<sup>10</sup>.

Maiso<sup>11</sup> aponta que Adorno e Horkheimer, ao mesmo tempo em que adotaram posições mais “ortodoxas” com relação ao pensamento de Freud, mantiveram reservas a respeito do psicologismo com que tratava os processos sociais. Para Maiso, os diferentes níveis de alcance da teoria crítica e da psicanálise remontam aos seus distintos âmbitos de estudo e de intervenção.

<sup>8</sup> Ana Paula A. GOMIDE, “Psicanálise e Teoria Social à Luz da Teoria Crítica de Theodor W. Adorno”, *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31 (1) (2011), pág. 124.

<sup>9</sup> José Leon CROCHÍK, “T. W. Adorno e a psicologia social”, *Psicologia & Sociedade*, 20 (2008), págs. 297-305.

<sup>10</sup> Pedro Fernando SILVA, “Psicologia social de Adorno: Resistência à violência do mundo administrado”, *Psicologia & Sociedade*, 27(1) (2015), pág. 37.

<sup>11</sup> Jordi MAISO, “La subjetividad dañada: Teoría Crítica y Psicoanálisis”, *Constelaciones. Revista de Teoría Crítica*, 5 (2013), págs. 132-150 [http://www.constelaciones-rtc.net/05/CRTC\_05\_2013.pdf], [consulta: 20 dezembro 2015].

Portanto, como assinalado por alguns desses autores, delineia-se como questão o fato de a psicanálise erigida por Freud também ter sido alvo da crítica de Adorno.

Essa diversidade de entendimentos implica interpretações distintas da crítica que Adorno fez à psicoterapia e põe em questão se a psicanálise freudiana pode ser, de imediato, psicologia social, tal como Freud<sup>12</sup> propunha ao alegar que toda psicologia é psicologia social. Como a clínica, para Freud, foi fonte importante para sua teoria, os limites atribuídos a ela em uma sociedade opressiva são fundamentais para compreendê-la como *práxis* no que tem de adaptativa e de resistência; se a psicanálise freudiana tende ao psicologismo, não pode ser em si mesma, sem reparos, uma psicologia social que não somente se contraponha a esse psicologismo, mas também ao sociologismo. Nas palavras de Adorno:

“Julgo que uma Sociologia que esquece a mediação por parte da subjetividade individual é tão equivocada e tão ruim – e dito com clareza – tão dogmática quanto seria, inversamente, uma Sociologia que acredita – como aliás Freud de fato imaginava – que a Sociologia não passa de uma Psicologia aplicada a uma maioria de pessoas”<sup>13</sup>.

Em relação aos limites da clínica, Jacoby indicou que Freud os conhecia. Para esse autor, Freud tinha clareza de que as suas descobertas suplantavam a questão clínica: “Tornei-me um terapeuta contra minha vontade”, escreveu ele a Wilhelm Fliess. Ele disse a Abram Kardiner: “Eu não estou basicamente interessado em terapia”. E ironicamente observou: “Fazemos análise por duas razões: para entender o inconsciente e para ganhar a vida”<sup>14</sup>.

Jacoby<sup>15</sup> também ponderou sobre a questão da falta de liberdade presente na terapia psicanalítica freudiana, uma vez que se trata de um instrumento de adaptação individual, em contraponto à liberdade da psicanálise como teoria. Considerar a psicanálise apenas como terapia é enfraquecer a sua capacidade de crítica à civilização. Não se trata de opor uma à outra, mas de levar em conta a existência contraditória de ambas.

---

<sup>12</sup> Sigmund FREUD, “Psicologia de grupos e análise do ego”, em: S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund de Freud*, trad. J. Salomão, Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. 18, págs. 79-143.

<sup>13</sup> Theodor W. ADORNO, *Introdução à sociologia*, trad. W.L. Maar, São Paulo: ed. Unesp, 2008, págs. 272-273.

<sup>14</sup> Russel JACOBY, *Amnésia Social: uma crítica à Psicologia Conformista de Adler a Laing*, trad. S. S. Gomes, Rio de Janeiro: Zahar, 1977, pág. 141.

<sup>15</sup> *Ibid.*

Se, de acordo com Marcuse<sup>16</sup>, a terapia psicanalítica tende a se resignar à adaptação a uma sociedade opressiva, a teoria que se pretenda crítica deve se afastar ao máximo dessa prática. Para ele, a crítica que a psicanálise freudiana é capaz de propor só tem força no terreno da teoria, em particular, na metapsicologia. É precisamente no campo teórico que os conceitos psicanalíticos revelam sua fecundidade, ainda que, mesmo nessa dimensão, para que se realize, sua potencialidade crítica depende de que esses conceitos não sejam parte de um sistema a-histórico, mas confrontados com a dimensão empírica e possam acompanhar o movimento do objeto a que se referem. Assim, cabe considerar que a prática psicanalítica, mesmo a freudiana, mantém-se restrita à *práxis*; a qual, se pode e deve trazer dados da experiência para a teoria, não se reduz a ela, posto que, segundo Adorno<sup>17</sup>, a teoria possui mais liberdade em relação ao existente do que a *práxis* ligada ao trabalho; como a teoria só o é como história de seu objeto e de suas modificações, a *práxis* pode contribuir com dados sobre o objeto atual, suas modificações em relação à sua forma anterior e suas possibilidades de alteração, mas deve seus limites às suas possibilidades de existência atual; já a teoria é negativa, pois pode vislumbrar o ainda não existente, enquanto que a prática psicanalítica, mesmo a freudiana, se pode contribuir com esse vislumbre teórico do vir-a-ser, não pode ser a própria negação. Assim, a terapia é uma forma de resignação.

Poder-se-ia pensar juntamente com Dunker<sup>18</sup> que a teoria de Adorno, sobretudo no que se refere à psicanálise, seria próxima à teoria de Lacan, mas o frankfurtiano, em uma rara menção a esse pensador francês, sequer o nomeia como psicanalista, e, sim, como pensador estruturalista, que junto a outros dessa escola, deveria ser objeto de análise do próximo curso que não chegou a ministrar:

“Assim, para recorrer a um fenômeno recente no plano do pensamento social, o estruturalismo, o estruturalismo francês // relacionado sobretudo com os nomes de Lévi-Strauss e de Lacan e que influencia de maneira muito forte o pensamento sociológico – no próximo semestre espero poder oferecer um seminário sobre o estruturalismo – esse estruturalismo toma seu material essencialmente e por motivos plenamente justificáveis pelos temas de sua formação teórica,

<sup>16</sup> Herbert MARCUSE, *Eros e civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*, trad. A. Cabral, Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

<sup>17</sup> Theodor W. ADORNO, “Notas marginais sobre teoria e práxis”, em T.W. Adorno, *Palavras e Sinais*, trad. M.H. Ruschel, Petrópolis: Vozes, 1995, págs. 202-229.

<sup>18</sup> Christian I. L. DUNKER, “Apresentação à edição brasileira”, op. cit.

em primeiro lugar da Antropologia e, além disso, de orientações específicas da pesquisa da linguagem, em especial a fonológica...”<sup>19</sup>

A referência não possibilita formular uma compreensão suficiente sobre a posição de Adorno a respeito da teoria lacaniana, mas chama a atenção sua associação com o estruturalismo no que pode contribuir para uma Sociologia que, por sua vez, tem base na Antropologia e na Linguística, sem citar a psicanálise, o que levanta a suposição, que não será examinada neste texto, de que à teoria lacaniana caberiam as mesmas críticas que fez Adorno aos culturalistas, a saber, a ênfase nos aspectos culturais em detrimento dos individuais.

O outro ponto diz respeito à psicanálise freudiana não poder ser imediatamente psicologia social, cujos limites da sua prática já foram sublinhados. Em uma sociedade fragmentada, com a cisão efetiva entre o indivíduo e a sociedade, não caberia julgar que a teoria da sociedade e a psicanálise fossem harmônicas. Uma teoria crítica da subjetividade, nesta sociedade, teria necessariamente que ser contraditória ao estudar uma subjetividade que desaparece, ela seria uma “teoria de um sujeito sem-sujeito – ou uma subjetividade ainda não liberada”<sup>20</sup>.

A psicanálise pode informar a respeito do sofrimento individual em uma sociedade opressiva, da dificuldade de se tornar sujeito e desenvolver sua subjetividade; pode, ainda, mostrar como desejos psíquicos são relacionados à propaganda ideológica, mas não deveria extrapolar esses limites; pode compreender o antisemita, o racista, o homofóbico, mas não o antissemitismo, o racismo e a homofobia. Maiso considera que há o risco da psicanálise tornar-se psicologismo, uma vez que:

“(...) cuando el psicoanálisis se convierte en un instrumento hermenéutico que se aplica directamente a contenidos ideológicos y culturales o a movimientos políticos, el resultado casi inevitable es el psicologismo. El estudio clásico de Rudolph Loewenstein sobre el antisemitismo o, más recientemente, algunos análisis de Slavoj Žižek, son claros ejemplos de esta tendencia”<sup>21</sup>.

A citação acima indica que a crítica dirigida por Adorno à psicanálise mantém-se válida nos dias de hoje em relação a autores que procuram explicar problemas sociais à luz de conceitos obtidos em uma psicanálise revisada. Se há a crítica do psicologismo, de outro lado, Adorno critica a psicanálise freudiana, por ela deixar de ser voltada ao indivíduo:

<sup>19</sup> Theodor W. ADORNO, *Introdução à sociologia*, op. cit., pág. 250.

<sup>20</sup> Russel JACOBY, *Amnésia Social: uma crítica à Psicologia Conformista de Adler a Laing*, op. cit., págs.95-96.

<sup>21</sup> Jordi MAISO, “La subjetividad dañada: Teoría Crítica y Psicoanálisis”, op. cit., págs. 149-150.

“Entretanto a isso se associa algo // sociologicamente muito criticável, a saber (em primeiro lugar), que Freud tende absolutamente a subestimar de modo extremo a possibilidade de individuação, a variabilidade. Isso justamente por causa da pretensa invariabilidade e constância do eu idêntico em todos os homens. Além disso (em segundo lugar), que essa teoria, justamente porque deparou no indivíduo com a “herança arcaica” dele, tende a considerar os próprios homens como em grande medida invariáveis – e nisso, aliás, é reforçada desde a Pré-história até hoje – e em decorrência disso tende a ver até mesmo as relações de dominação social como inevitáveis, como única possibilidade de uma dissolução socialmente aceitável do chamado complexo de Édipo”<sup>22</sup>.

Deste longo trecho citado, podemos destacar: 1- a clara crítica à psicanálise freudiana e não somente aos culturalistas; 2- a desconsideração à variabilidade individual, à possibilidade de alguma individuação; infere-se que a crítica a esse objeto ‘padronizado’ deveria ser o propósito de uma psicologia social analiticamente orientada.

Face ao que foi desenvolvido até o momento, este texto tem por objetivo identificar os limites indicados por Adorno à psicanálise freudiana para o estabelecimento de uma psicologia social, mais especificamente, uma psicologia social analiticamente orientada. Isso será feito por meio da análise de seu texto *Sobre a relação entre sociologia e psicologia*<sup>23</sup>. Serão destacados e interpretados trechos que permitam averiguar as seguintes hipóteses:

- A- As críticas de Adorno à psicanálise se dirigem também à psicanálise freudiana; e
- B- Os limites da prática e da teoria psicanalítica implicam na proposta de uma psicologia social analiticamente orientada.

## CRÍTICAS DE TH. W. ADORNO À PSICANÁLISE FREUDIANA

A seguir, serão expostos três pontos de análise das críticas de Adorno à psicanálise de Freud. O primeiro indica a extensão de conceitos originalmente desenvolvidos para o estudo do psiquismo individual a objetos distintos do que proporcionou as descobertas psicanalíticas: fenômenos sociais como a religião, a arte, a política e o comportamento econômico. Esse ‘imperialismo’ é destacado na seguinte citação:

<sup>22</sup> Theodor W. ADORNO, *Introdução à sociologia*, op.cit., pág. 270.

<sup>23</sup> Theodor W. ADORNO, “Sobre a relação entre sociologia e psicologia”, op.cit.

“O sucesso da estratégia científica de Freud baseia-se, não em pouca medida, no fato de que sua perspectiva psicológica foi acompanhada de um movimento sistemático, ao qual se mesclavam aspectos absolutos e autoritários. Enquanto a intenção de elevar suas descobertas a uma totalidade foi precisamente o que produziu o momento de inverdade na psicanálise, esta deve seu poder sugestivo exatamente a tal aspecto totalitário. Ela é recebida como fórmula mágica, que promete solucionar tudo”<sup>24</sup>.

Pode-se notar a crítica de Adorno à pretensão da teoria freudiana em afirmar-se como um sistema a partir do qual diferentes aspectos da realidade, inclusive os que correspondem a fenômenos sociais, poderiam ser compreendidos. A indicação de que tal pretensão compreenderia a associação com aspectos absolutos e autoritários revela que mesmo a psicanálise freudiana já guardava algo da tendência niveladora que desconsidera as diferenças entre a esfera individual subjetiva e a objetividade social.

Mediante a consideração acerca do caráter histórico dos fenômenos tratados pela teoria freudiana, os quais revelariam a obsolescência de sua forma original, Adorno criticou a intenção de Freud de tornar a psicanálise uma ciência capaz de ir além de seus limites:

“A psicanálise, em sua forma autêntica e historicamente já ultrapassada, alcança sua verdade como relato sobre os poderes da destruição que se proliferam no particular em meio ao universal destrutivo. Permanece falso nela o que aprendeu do movimento social, sua demanda por totalidade, que – em contraste com a afirmação do Freud inicial de que a análise quereria apenas acrescentar algo ao já conhecido – torna-se aguda na expressão do Freud tardio de que “também a sociologia, que trata do comportamento do ser humano em sociedade, não pode ser nada mais do que psicologia aplicada”<sup>25</sup>.

A crítica feita por Freud – possível por meio da psicanálise – à sociedade contrária aos interesses mais racionais do indivíduo se converte em seu oposto; a sociologia vista como uma extensão dos conhecimentos psicanalíticos encobre a cisão entre indivíduo e sociedade, reconhecida pelo próprio Freud<sup>26</sup> ao indicar que a civilização não tem entre seus principais objetivos a felicidade individual; tal crítica

---

<sup>24</sup> *Ibid.*, pág.83.

<sup>25</sup> *Ibid.*, págs. 124-125.

<sup>26</sup> Sigmund FREUD, “O mal-estar na civilização”, em: S. Freud, *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*, trad. P. C. Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2010, págs. 13-122.

foi reiterada por Adorno, no texto em análise, ao mostrar que a cisão entre indivíduo e sociedade é falsa e verdadeira; falsa porque não deveria haver, verdadeira pelo desconhecimento entre ambos. O crescente quadro de alienação a que estão subordinadas as pessoas revela a contradição entre o fato de não se reconhecerem como seus produtores, mas, exatamente por isso, reproduzirem-na de maneira irrefletida, absorvendo sem resistência o impacto da determinação social.

Outro ponto a analisar das críticas de Adorno à psicanálise freudiana diz respeito à sua finalidade, que a reduz à adaptação ao existente e ao equilíbrio das instâncias psíquicas. O trecho a seguir ilustra esse ponto:

“Depois que Freud, motivado pelas dificuldades dos “sistemas” originais consciente<sup>27</sup>, pré-consciente e inconsciente, colocou a // topologia analítica sobre as categorias de isso, eu e supereu, tornou-se propício orientar a imagem analítica da vida correta pela harmonia dessas instâncias. (...) Tolerar irracionalidades apenas porque elas derivam da sociedade e porque sem elas a sociedade organizada não deve poder ser pensada – isso desabona o princípio analítico”<sup>28</sup>.

Adorno elogiou a primeira tópica freudiana ao mencionar que não admitia nada inconsciente, sobretudo o que é irracional; já a segunda tópica aceitaria a irracionalidade do controle exercido pelo próprio indivíduo sobre si para a manutenção da sociedade, sem pensar no quanto essa é irracional quando se sustenta na base dos sacrifícios individuais que já não são mais necessários. Aqui, também não há dúvidas de que a crítica de Adorno se dirige à teoria freudiana. E se o indivíduo que apresenta o equilíbrio entre as três instâncias psíquicas é criticado, aquele inteiramente livre de recalques também o é, não devido à sua liberdade, mas pela não percepção da mediação social que converte a liberdade, nesta sociedade, em dominação e aniquilação do outro. A citação a seguir traz esse outro limite ao pensamento de Freud:

“O ser humano “correto” no sentido do projeto freudiano, portanto não mutilado por recalques, se assemelharia quase indistintamente na sociedade aquisitiva de hoje ao animal predador com um apetite saudável, e assim se alcançaria a utopia abstrata de um sujeito realizado independentemente da sociedade, que hoje se alegra de tal predileção como “imagem de ser humano”. A acusação psicológica contra o bode expiatório do animal de rebanho pode ser pago com

<sup>27</sup> Nessa citação, preferiu-se utilizar o termo “consciente”, tal qual consta no texto original em alemão.

<sup>28</sup> Theodor W. ADORNO, “Sobre a relação entre sociologia e psicologia”, op.cit., pág.100.

juros pela crítica da sociedade ao ser humano dominador, cuja liberdade permanece falsa, ganância neurótica, “oral”, enquanto ela pressupuser a não liberdade. Toda imagem de ser humano é ideologia, exceto a negativa<sup>29</sup>.

Pode-se notar tanto a rejeição de Adorno ao suposto equilíbrio entre as instâncias psíquicas que expressa a redução do universal diferenciado a um modelo de “ser humano [supostamente] correto”, quanto a crítica à semelhança identificada entre este ideal e o indivíduo burguês: “animal predador com apetite voraz”. Nesta crítica, que é coextensiva à transmutação dos valores proposta por Nietzsche, a afirmação ideológica da rapinagem burguesa como expressão da virtude é confrontada com a falsidade da liberdade individual obtida por meio da dominação social. Por esta via, Adorno afastou-se de quaisquer propósitos terapêuticos que possam remontar à psicanálise da qual se apropriou para pensar a regressão psíquica promovida, quer pelos totalitarismos, quer pela sociedade administrada.

Por conceber o indivíduo como mônada, cujos principais determinantes independem das condições sociais objetivas e do tempo histórico, Freud acabou por concordar com o ajustamento exigido pela sociedade opressiva e desigual, pois, sem explorar a relação de determinação entre indivíduo e sociedade, sua compreensão a respeito do psiquismo baseou-se na hipostasiação do homem burguês, forjado pelo processo social que, assim, é abstraído e considerado independente, sobretudo das relações materiais. A referência freudiana à sociedade, à cultura, como um quadro externo aos indivíduos dificulta sua crítica à sociedade, o que pode ser vislumbrado na defesa do mecanismo de sublimação: a criação de algo útil socialmente desconsidera o valor dessa atividade para a felicidade e para a liberdade humanas e não analisa se tal sociedade é constituída racionalmente para que elas sejam possíveis. Nas palavras de Adorno:

“No sistema freudiano falta, em geral, um critério suficiente para a diferenciação das funções “positivas” e “negativas” do eu, principalmente da sublimação e do recalque. Em vez disso, invoca-se de fora, de forma um tanto ingênua, o conceito do que é socialmente útil ou produtivo. Ora, em uma sociedade irracional, o eu não consegue de forma alguma satisfazer adequadamente a função que lhe é atribuída por tal sociedade. Necessariamente o eu é incumbido de tarefas psíquicas que são // incompatíveis com a concepção psicanalítica do eu”<sup>30</sup>.

<sup>29</sup> *Ibid.*, pág. 103.

<sup>30</sup> *Ibid.*, pág. 108.

O mecanismo da sublimação, tal como proposto por Freud, foi criticado, pois, em um Estado fascista, ele pode fortalecer o Estado contra os interesses individuais ao auxiliar a criar o que é “socialmente útil ou produtivo”.

Na citação a seguir, o caráter adaptativo da psicanálise como terapêutica se revela no próprio pensamento freudiano:

“... a humanidade fracassou na formação de um sujeito social total e racional. Contra isso sempre se esforça todo indivíduo. O preceito de Freud: “Onde isso estava, o eu deve advir”, contém algo estoicamente vazio, // inevidente. O indivíduo adaptado à realidade, “sadio”, é tão pouco resistente às crises quanto o sujeito da racionalidade econômica é de fato econômico. (...) O triunfo do eu é o triunfo da cegueira produzida pelo particular. Este é o fundamento da inverdade objetiva de toda psicoterapia, que incita os terapeutas à fraude. Na medida em que o curado se assemelha à totalidade insana, torna-se ele mesmo doente, mas sem que aquele que fracassa em ser curado seja por isso mais saudável”<sup>31</sup>.

Aqui, a crítica a Freud e à psicoterapia está bem assinalada. Não somente esse tipo de psicoterapia/psicanálise torna o indivíduo mais adaptado, mais ‘saudável’, como contribui com a cegueira frente ao que gera o sofrimento, com a alienação frente à sociedade e a determinação dessa sobre a constituição individual.

Um terceiro ponto das críticas de Adorno à psicanálise freudiana é o que se relaciona com a apresentação de invariantes psíquicos; a falta de percepção dos determinantes sociais sobre as instâncias psíquicas, sobre as pulsões e sobre os mecanismos de defesa:

“Não se deve reprovar Freud por ter desprezado o concretamente social, mas sim por ter se contentado de forma fácil demais com a origem social daquela abstração, com a fixidez do inconsciente, apreendida por ele com o caráter incorruptível do pesquisador da natureza. (...) O histórico se torna invariável, e o psíquico, por sua vez, realidade histórica. Na passagem das *imagines* psicológicas para a realidade histórica, Freud esquece as próprias modificações, descobertas por ele, de todo o real no inconsciente, e assim conclui equivocadamente por realidades factuais, como o parricídio pela horda primitiva. O curto-circuito entre inconsciente e realidade empresta à psicanálise seus traços apócrifos”<sup>32</sup>.

Neste excerto, pode-se notar uma das principais críticas de Adorno a Freud. Ele identificou dois importantes equívocos cometidos por Freud ao interpretar os

<sup>31</sup> *Ibid.*, pág. 90.

<sup>32</sup> *Ibid.*, pág. 96.

conteúdos psíquicos inconscientes como se efetivamente correspondessem à realidade antropológica, portanto os hipostasiou; de outro lado, ao tomar as configurações psíquicas de caráter histórico como algo invariável, concluiu que há uma “tendência inata do ser humano para o ‘mal’, para a agressão, a destruição, para a crueldade”<sup>33</sup>. Apesar de Adorno não desenvolver, neste trecho, a discussão sobre a mediação social na configuração da pulsão de morte, é possível considerar que a agressividade concebida por Freud como inerente à natureza humana é expressão da redução do histórico a algo invariável. A crítica a tais inversões indica o quanto os conceitos psicanalíticos presentes nas análises de Adorno diferem das formulações freudianas por estarem remetidos à dimensão histórico-social. A redução de objetos sociais à determinação puramente natural torna a psique alvo da ‘compulsão à repetição’; dessa forma, a contradição entre o ser e o vir-a-ser do objeto, e portanto do sujeito, é sustada, negando-se o que já seria possível existir como liberdade e felicidade no mundo atual; a história é abstraída da transformação da natureza em progresso por meio do trabalho humano. Não somente a dialética social não é percebida por Freud, mas também a que se refere à formação do eu, que não é apenas produto das forças psíquicas:

“O conceito do eu é dialético, psíquico e não psíquico, um fragmento da libido e o representante do mundo. Freud não tratou dessa dialética. Por isso as determinações psicológicas imanentes que ele atribui ao eu contradizem de forma involuntária uma à outra e rompem o fechamento do sistema pretendido por ele. De todas as contradições, a mais flagrante é a de que o eu inclui o que a consciência realiza, mas também é representado essencialmente como inconsciente”<sup>34</sup>.

Adorno capturou o caráter contraditório da constituição do eu ao lhe conferir um caráter dialético não explicitado no sistema freudiano. A dialética entre o psíquico e o não psíquico é também a via por meio da qual se pode perceber a determinação social do indivíduo. A não percepção da dialética da constituição do eu que o torna fixo permite tentar ‘fechar’ o sistema freudiano e estabelecer uma aparente harmonia entre a sociedade e o indivíduo, tornando invariante esse sistema, conforme se pode depreender do trecho abaixo:

“A psicologia analítica do eu até hoje não investigou energicamente o bastante a reversão do eu ao isso, pois aceitou previamente da sistemática freudiana os conceitos fixos do eu e do isso. O eu que reverte ao inconsciente não desaparece

<sup>33</sup> Sigmund FREUD, “O mal-estar na civilização”, op. cit., pág. 88.

<sup>34</sup> Theodor W. ADORNO, “Sobre a relação entre sociologia e psicologia”, op.cit., pág. 107.

simplesmente, pois mantém muitas das qualidades que havia adquirido como agente social, mas submete-se ao primado do inconsciente. Surge assim a aparência de uma harmonia entre princípio de realidade e de prazer”<sup>35</sup>.

As diversas críticas à psicanálise apresentadas até aqui – o ‘imperialismo’, a redução de dimensões sociais à natureza, a não percepção quer da dialética social quer da presente na diferenciação individual – são dirigidas ao próprio sistema teórico desenvolvido por Freud, sem deixar por isso de se estender também àquelas formas de psicanálise que Adorno não analisou. Caberia aos psicanalistas e aos estudiosos atuais da teoria crítica examinar as implicações destas críticas para a compreensão da relação atualmente estabelecida entre o indivíduo regredido e a sociedade administrada, sem conceder à sedutora harmonia pré-estabelecida entre psicanálise e teoria crítica, apenas porque parte da transformação da psicanálise considerou as críticas dos frankfurtianos.

Os limites da prática e da teoria psicanalítica e a proposta de uma psicologia social analiticamente orientada. A segunda hipótese deste trabalho é a de que os limites da prática e da teoria psicanalítica implicam na proposta de uma psicologia social analiticamente orientada. Um primeiro tópico para pensar essa suposição é a análise elaborada por Adorno acerca da subjetividade como objeto da psicanálise e sua conseqüente dessubjetivação – correspondente ao indivíduo regredido, que age à base de reflexos, em substituição à mônada psicológica. A transformação da constituição psíquica individual em consonância com as novas condições sociais está expressa no trecho a seguir: “Que a psicologia tenha se transformado em doença exprime não apenas a falsa consciência da sociedade sobre si mesma, mas também aquilo em que se transformaram efetivamente os seres humanos nessa sociedade, pois o substrato da psicologia, o próprio indivíduo, reflete a forma de socialização hoje ultrapassada”<sup>36</sup>.

Se a socialização própria ao período em que Freud constituiu a psicanálise não é mais a mesma nos dias contemporâneos, as categorias explicativas dessa disciplina também não o são. A citação indica uma nova forma de constituição das pessoas em que a própria individualidade é obstada por meio de uma regressão individual, uma vez que o psicológico, o diferenciado, se compreende como doença.

O surgimento de um ‘novo’ objeto para o qual as categorias da psicanálise não se aplicam também indica a proposta de uma psicologia social, sem se desfazer do aporte psicanalítico:

---

<sup>35</sup> *Ibíd.*, pág. 109.

<sup>36</sup> *Ibíd.*, pág. 88.

“Na sociedade totalmente socializada, a maioria das situações em que as decisões ocorrem é pré-delineada, e a racionalidade do eu é rebaixada à escolha de um passo ínfimo. Sempre se trata de nada além de alternativas mínimas, de evitar desvantagens minúsculas, e é “realista” quem toma tais decisões corretamente. Perante isso, as irracionalidades individuais pesam pouco. As possibilidades de escolha do inconsciente também são tão reduzidas, quando não já originalmente tão pobres, que grupos que representam os interesses dominantes podem dirigi-las em poucos canais, por meio de métodos testados há muito tempo pela técnica psicológica nos países totalitários e não totalitários. Cuidadosamente protegido através da manipulação da mirada do eu, o inconsciente, em sua pobreza e indiferenciação, coexiste de modo feliz com a padronização e o mundo administrado”<sup>37</sup>.

As considerações de Adorno a respeito das possibilidades de efetiva decisão individual desvelam que tais oportunidades estão rebaixadas a decisões insignificantes e de acordo com os interesses dominantes, atingindo o eu e sua racionalidade. O inconsciente empobrecido, que coexiste com a padronização do mundo administrado, bem como o eu incapaz de exercer o pensamento racional, diferem substancialmente das disposições psíquicas do indivíduo relativamente autônomo que serviu de modelo para a psicanálise freudiana. A indiferenciação e a fragilidade crescentes do eu são frutos de uma sociedade que visa a padronização e, assim, tal como discutido na parte anterior, não podem ser reduzidas às esferas individuais ou éticas, mesmo porque, como se infere do trecho acima, quase não há mais escolhas. Tal fragilidade também é notada no fragmento a seguir:

“O que parece mais fácil a uma visão abstrata do indivíduo, a saber, seguir o instinto, é o mais difícil em termos concretamente sociais, pois foi condenado pela sociedade e hoje pressupõe exatamente a força que falta a quem age irracionalmente. O isso e o supereu formam uma conexão já visada pela teoria, e, exatamente quando as massas agem instintivamente, elas são pré-formadas pela censura e têm a bênção do poder”<sup>38</sup>.

Não se trata mais de um indivíduo que tem a razão bem desenvolvida e poderia modificar os desejos e a própria realidade em função dos primeiros, mas de alguém que tem dificuldades até mesmo para enunciar seus desejos, pois isso não se consegue sem um eu diferenciado, cultuado, sobretudo, a partir do século das Luzes.

<sup>37</sup> *Ibid.*, pág. 93.

<sup>38</sup> *Ibid.*, pág. 93.

Não se trata apenas que a cada sociedade corresponde um novo tipo de indivíduo ou, mais especificamente, de neurose, mas que o indivíduo regride na sociedade contemporânea:

“A psicologia do isso é mobilizada pela psicologia do eu com o auxílio da demagogia e da cultura de massa. (...) Ao eu resta apenas ou transformar a realidade ou retroceder novamente ao isso. Isto é mal compreendido pelos revisionistas como simples estado de coisas da ostensiva psicologia do eu. (...) Não há uma “personalidade neurótica de nosso tempo” – o mero nome é uma manobra de desvio –, mas a situação objetiva fornece a direção para as regressões”<sup>39</sup>.

Como é a ‘situação objetiva’ que leva às regressões individuais, não cabe somente à psicologia entender tal fenômeno; a mobilização do isso pelo eu força a resignação, de forma a não se poder conceber um indivíduo, tal como esse conceito exige; o indivíduo estudado pela psicanálise freudiana, como afirmado antes, deixou de existir: “A psicologia não é nenhuma reserva do particular protegido do universal. Quanto mais crescem os antagonismos sociais, mais evidentemente perde sentido o conceito individualista e totalmente liberal da psicologia. O mundo pré-burguês ainda não conhece a psicologia, e o totalmente socializado, não mais”<sup>40</sup>.

Com a afirmação de que o mundo totalmente socializado já não mais oferece as condições necessárias para que a individualidade se desenvolva, Adorno destacou o evidente descompasso histórico entre a teoria psicanalítica e o processo de regressão do indivíduo engendrado pelas sociedades totalitárias e administradas: um novo objeto não abarcável por meio da metapsicologia freudiana e, talvez, por qualquer psicanálise. A insistência em tratar o psíquico como doença e a manutenção do emprego de categorias da psicanálise para entender e atuar sobre esse indivíduo também se expressa na diferenciação essencial das classes sociais, sem que ninguém seja beneficiado pelo tratamento quando se considera o ímpeto freudiano de não tolerar nada inconsciente, conforme mencionado anteriormente, próprio da primeira tópica do sistema freudiano:

“O antagonismo social reproduz-se no objetivo da análise, que não mais sabe, nem pode saber, para onde quer conduzir o paciente, se para a felicidade da liberdade ou para a felicidade na não liberdade. Ela se livra dessa dificuldade ao tratar lentamente pelo método catártico o paciente com bom poder aquisitivo

---

<sup>39</sup> *Ibid.*, págs. 112-113.

<sup>40</sup> *Ibid.*, pág. 123.

que possa pagar, mas fornece apenas apoio psicoterapêutico ao pobre, que precisa rapidamente se tornar apto ao trabalho – uma divisão que faz do rico um neurótico e do pobre um psicótico. (...) Fica em aberto, se, de resto, o procedimento mais profundo é realmente preferível ao mais superficial; se não saem melhor os pacientes que pelo menos seguem aptos ao trabalho e não precisam hipotecar a alma ao analista, com a vaga perspectiva de que um dia a transferência, que se reforça ano após ano, irá se dissolver”<sup>41</sup>.

Em ambos os casos, os indivíduos não se tornam sujeitos de si mesmos, mas dependentes de apoios externos; apoios que não fogem à crítica daqueles fenômenos sociais considerados como ‘ópio do povo’. Tal ‘apoio’ é próprio à adaptação exigida e presente na submissão já mencionada do eu ao isso com o auxílio dos meios de comunicação de massa: “(...) um crescimento da assim chamada psicologia do eu, enquanto na verdade a dinâmica psicológica individual é substituída pela adaptação, em parte consciente, em parte regressiva, do indivíduo na sociedade”<sup>42</sup>. Mas não se trata do fortalecimento do ego, pois esse somente obedece à pressão social; o eu não é mais propício à modificação desta sociedade, mas à sua manutenção; a irracionalidade é apregoada pelo eu como sacrifício de si mesmo, tal como enuncia o fortalecimento do narcisismo contemporâneo:

“Os rudimentos irracionais são espargidos como óleo lubrificante da humanidade na maquinaria. Conformes à época atual, são aqueles tipos que nem possuem um eu nem agem propriamente de forma inconsciente, mas espelham o movimento objetivo de forma reflexa. Realizam em conjunto um ritual sem sentido, seguem o ritmo compulsivo da repetição, empobrecem afetivamente: com a destruição do eu cresce o narcisismo ou seus derivados coletivos. A brutalidade do exterior, a sociedade total que age uniformemente, bloqueia a diferenciação e se serve do núcleo primitivo do inconsciente. Ambos conspiram para a aniquilação da instância mediadora: as moções arcaicas triunfais, a vitória do isso sobre o eu, harmonizam-se com o triunfo da sociedade sobre o indivíduo”<sup>43</sup>.

Ainda que não se possa reduzir a totalidade das pessoas à forma do comportamento reflexo indicada neste trecho, a consonância observável entre essa nova configuração psíquica e as condições objetivas de existência, entre a debilitação do eu e

<sup>41</sup> Ibid., pág. 122-123.

<sup>42</sup> Ibid., pág. 124.

<sup>43</sup> Ibid., pág. 124.

a redução da autonomia dos indivíduos em relação à sociedade, requer aportes teóricos que ultrapassem a perspectiva e o escopo da teoria psicanalítica. O trecho a seguir indica os limites da psicanálise frente ao objeto que lhe é próprio:

“Existe ou existiu um domínio pátrio psicanalítico com evidência específica; quanto mais a psicanálise se distancia dele, tanto mais suas teses são ameaçadas pelas alternativas da superficialidade ou do sistema delirante [*Wahnsystem*]. Quando alguém comete um ato falho e deixa escapar uma palavra com coloração sexual; quando alguém tem fobia ou uma mulher é sonâmbula, então a análise possui não apenas suas melhores chances terapêuticas, como também seu objeto próprio: o indivíduo relativamente autônomo, monadológico, como palco do conflito inconsciente entre moção pulsional e proibição”<sup>44</sup>.

Adorno delimitou o campo específico da psicanálise; descreveu a fisionomia de seus objetos. É interessante notar que não excluiu a possibilidade de que o “indivíduo relativamente autônomo, monadológico”, possa coexistir com o homem regredido que deve ser estudado pela psicologia social analiticamente orientada, no entanto, a dúvida sobre a sua existência atual já aparece no início do trecho, pois o autor apresentou a alternativa ‘existe ou existiu’. De todo modo, ainda que, em coerência com sua concepção de história como síntese de ruptura e continuidade, tenha admitido a continuidade do objeto e do campo da psicanálise, não foi para o indivíduo considerado como uma mônada que dirigiu sua atenção, mas, sim, para a necessidade de verificar o quanto a integração promovida pela sociedade hodierna enfraquece o eu e requer uma nova disciplina que estude o núcleo social da psicologia. No posfácio desse texto ele reafirmou, uma década depois, esse entendimento:

“Não se deve hipostasiar, de fato, nenhuma consciência ou inconsciente coletivos; além disso, os conflitos se desenrolam, por assim dizer, sem janelas nos indivíduos e devem ser deduzidos nominalisticamente de sua economia pulsional individual – mas eles possuem forma idêntica em inumeráveis indivíduos. Por isso, o conceito de psicologia social não é tão equivocado quanto esta palavra composta e seu uso mundialmente disseminado fazem crer. A primazia da sociedade é reforçada retrospectivamente por aqueles processos psicológicos típicos, sem que aí se anuncie equilíbrio ou harmonia entre os indivíduos e a sociedade”<sup>45</sup>.

---

<sup>44</sup> *Ibid.*, pág. 125.

<sup>45</sup> *Ibid.*, pág. 129.

Os conflitos vividos individualmente possuem ‘formas idênticas’, não são individuais, e pode-se perguntar se a tendência atual, contrariamente à explicitada por Freud<sup>46</sup>, quando afirmou que ‘toda a psicologia é psicologia social’, não continua a existir, mas agora em seu oposto: ‘toda psicologia social é psicologia’; como tendência, não haveria mais o indivíduo psicológico, como marca da diferenciação social. E o que ocorre no âmbito individual espria a crescente dificuldade da mediação do eu entre o isso e a realidade.

Se a psicologia social foi defendida por Adorno como parte da sociologia, e se em conjunto com a Teoria da Sociedade deve procurar entender um fenômeno como o fascismo, ela dista dos extremos indicados pelos objetos da psicologia e da sociologia, ainda que se associe a ambas. Deve estudar fenômenos de massa e não propriamente individuais; deve se preocupar com o que leva o indivíduo a aderir a massas contrárias a seus interesses mais racionais; assim, não é imediatamente sociologia. Dado que não deve atuar sem a presença de uma Teoria da Sociedade e que é distinta da psicanálise, ainda que possa ser orientada por ela, não se trata somente da articulação entre psicanálise e marxismo, mas de estudar um novo objeto, que escapa às categorias de saúde-doença e que se apresenta como norma de adaptação na ausência de um sujeito psíquico; trata-se de estudar comportamentos, hábitos, complexos psíquicos uniformes, padronizados, que se põem no lugar do indivíduo e, como simulacros, tentam representá-lo.

Ao final desse pós escrito, foi destinada uma questão crucial para a psicologia social em relação a esse ‘objeto regredido’:

“Se os processos de integração, tal como parece, apenas enfraquecem o eu até um valor limite, ou se, como no passado, podem ainda, ou novamente, fortalecê-lo – isso não foi ainda questionado de modo preciso. Esta questão deveria ser acolhida em [sic] uma psicologia social que penetra no núcleo social da psicologia, sem imiscuir-lhe um parco acréscimo de conceitos sociológicos. Ela deveria decidir levando em consideração os sujeitos”<sup>47</sup>.

Não é à psicanálise, nem à sociologia que Adorno indica essa tarefa; a psicologia social pretendida deve estudar as condições de resistência e de adaptação individual, não por meio de conceitos sociológicos ou psicanalíticos, mas por aqueles que permitam entender a movimentação e transformação individual tendo em vista suas dimensões racionais e irracionais. Se não se trata de um objeto inteira-

<sup>46</sup> Sigmund FREUD, “Psicologia de grupos e análise do ego”, op. cit.

<sup>47</sup> Theodor W. ADORNO, “Sobre a relação entre sociologia e psicologia”, op. cit., pág. 135.

mente novo, mas da regressão do anteriormente existente, a psicanálise freudiana, como afirmado antes, é fundamental para servir como referência e crítica à regressão sofrida, mas dificilmente poderá ser, como pretendia seu criador, ‘psicologia aplicada’.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Distinguir entre a psicanálise e a psicologia social como formas de compreensão e, conseqüentemente, ação sobre o sofrimento humano contemporâneo é fundamental para toda forma de resistência à exploração do homem pelo homem, inclusive, à que é responsável por aquele sofrimento. Indicar a regressão psíquica frente ao progresso social, possibilitado pelo avanço das forças produtivas acorrentadas às relações de produção, permite vislumbrar a negação determinada e a felicidade e liberdade individuais já possíveis em vista do avanço das forças produtivas; a regressão psíquica é parte do acorrentamento desse progresso às relações de produção.

Se o indivíduo, à época de Freud, podia refletir não somente a adaptação social como a crítica à sociedade, necessária para sua transformação, o indivíduo contemporâneo não explicita mais de forma racional essa crítica, que acaba por se expressar de forma nociva à sociedade e aos próprios indivíduos; a capacidade de resistência não se esgotou, mas o impulso a ela destinado se volta para a destruição. Tentar somente modificar os conceitos psicanalíticos para compreender esse indivíduo regredido não só é insuficiente como desvia o caminho para sua compreensão: não se trata mais de um eu, cuja neurose poderia significar resistência, mas da ausência desse eu que se adapta integralmente, mesmo quando julga resistir, pois não tem condições de formular, nem seus próprios desejos, nem aquilo que impede a sua manifestação. Nesse sentido, cabe uma psicologia social que indique a regressão nas formas padronizadas de comportamento, o sofrimento individual e as (pseudo)críticas que esse indivíduo consegue formular, para entender os atuais fenômenos psicológicos atinentes ao indivíduo, e não supor que a psicanálise modificada possa dar conta desse novo objeto; se o indivíduo humano é o objeto da psicanálise e se ele não existe mais, a psicanálise só pode existir como ideologia: afirmação de um objeto que já não existe.

A teoria freudiana, conforme examinamos por meio do texto escolhido de Adorno, não é isenta de críticas, já era também ideologia quer pelo seu ímpeto im-

perialista, quer pela conversão do que é histórico em natural. Conforme mencionado acima, cabe investigar se as críticas de Adorno servem ou não às atuais vertentes da psicanálise, mas não se pode negligenciar que já se direcionavam ao próprio Freud.

Um dos limites deste trabalho foi ter recorrido a um único ensaio de Adorno para testar suas hipóteses, uma vez que na extensa e intensa obra desse autor há outras referências que contêm elogios e críticas à teoria freudiana e à psicanálise, mas esta delimitação possibilitou situar a crítica nos períodos em que o texto e o posfácio foram publicados (1955 e 1966 respectivamente). Pelo que se desenvolveu neste texto não se pode afirmar que as críticas à psicanálise valham para toda a obra adorniana, mas pode-se afirmar que são pertinentes ao período mencionado. Para além dessa delimitação, caberia propor aos estudiosos da teoria crítica da sociedade, em vez de tomar a teoria de Adorno como aliada ou adversária de determinado tipo de entendimento ou prática psicológica, examinar como o indivíduo pode se constituir nos dias correntes, mesmo porque, a obra desse autor foi produzida há quase meio século atrás e como ele e Horkheimer<sup>48</sup> mencionaram na segunda edição da *Dialética do Esclarecimento*, publicada um quarto de século após a primeira, isso não é indiferente para quem concebe que a verdade tem um núcleo temporal. Isso implica considerar as críticas feitas por Adorno à teoria freudiana e à psicanálise e a seu objeto, não por serem datados, mas para entender o movimento desse objeto e se perguntar se essa teoria, e sobretudo sua prática clínica, ainda são necessárias.

---

<sup>48</sup> Max HORKHEIMER e Theodor W. ADORNO, *Dialética do esclarecimento. Fragmentos filosóficos*, trad. G. Almeida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.